



MULHERES CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS: RELAÇÕES PATRIARCAIS DE
GÊNERO E DESAFIOS SOCIO-ORGANIZATIVOS NA REDE RECICLA SERIDÓ

WOMEN COLLECTORS OF RECYCLABLE MATERIALS: PATRIARCHAL GENDER RELATIONS
AND SOCIO-ORGANIZATIONAL CHALLENGES IN THE REDE RECICLA SERIDÓ

Adriana Cristina Xavier Deiga Ferreira¹

Roberto Marinho Alves da Silva²

Ronaldi Barreto Silva³

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar como se estruturam as relações patriarcais de gênero no contexto das condições de vida, de trabalho e das iniciativas organizativas de mulheres catadoras de materiais recicláveis da Rede Recicla Seridó. A análise do objeto foi orientada a partir do materialismo histórico-dialético, com a intenção de apreendê-lo em sua totalidade, a partir de uma pesquisa qualitativa, com a observação direta em campo e a realização de entrevistas semiestruturadas, ancorados em ampla revisão da literatura concernente ao tema. Constatou-se que essas mulheres, mesmo diante de inúmeras dificuldades, vivenciam processos em suas organizações coletivas que as despertam para a relevância social e ambiental do seu trabalho, para a potencialidade de se tornarem sujeitos políticos, bem como, percebem a Rede Recicla Seridó como uma estratégia para superar a subordinação em que se encontram na cadeia produtiva da reciclagem.

Palavras-chave: Mulheres catadoras de materiais recicláveis. Relações patriarcais de gênero. Rede Recicla Seridó.

Abstract: This paper aims to analyze how patriarchal gender relations are structured in the context of living and working conditions, as well as the organizational initiatives of women collectors of recyclable materials from Rede Recicla Seridó. The object analysis was dialectical historical materialism-oriented, aiming to apprehend it in its entirety, within a

¹ Assistente Social com graduação em Serviço Social na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Mestrado em Serviço Social na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Doutoranda em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social - PPGSS da UFRN. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Questão Social, Política Social e Serviço Social - GEPQPSOCIAL. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7815-1103> E-mail: adrdeigaa@gmail.com

² Filósofo, com graduação em Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Mestrado em Ciência Política na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Doutorado em Desenvolvimento Sustentável na Universidade de Brasília - UNB. Professor Titular da UFRN, atuando no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social - PPGSS da UFRN. Vice Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Questão Social, Política Social e Serviço Social - GEPQPSOCIAL. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0532-9377> E-mail: rmas2007@gmail.com

³ Pedagoga com graduação em Pedagogia na Universidade Federal da Bahia - UFBA. Mestrado em Educação na Universidade Federal de São Carlos - UFSC. Doutorado em Educação na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Professora titular da Universidade do Estado da Bahia. Coordenadora da Incubadora de Economia Solidária - INCUBA UNEB.

Artigo submetido em: 30 de outubro de 2024.

Artigo aceito em: 29 de março de 2025.

p. 367-385, DOI: <https://doi.org/10.46551/rssp202517>

qualitative research study, with direct field observation, semi-structured interviews, and anchored in a wide literature review concerning the topic. It was found that, despite their countless difficulties, those women experience in their collective organizations awakening processes to the social and environmental relevance of their work, to the potentiality of becoming political subjects, and they see Rede Recicla Seridó as a strategy to overcome their subordinated position in the recycling production chain.

Keywords: Women collectors of recyclable materials. Patriarchal gender relations. Rede Recicla Seridó.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta os principais resultados da pesquisa para a produção da dissertação de mestrado, “Mulheres catadoras de materiais recicláveis na Rede Recicla Seridó: condições de gênero e desafios socio-organizativos”, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGSS/UFRN), com a colaboração do Grupo de Estudos e Pesquisa em Questão Social, Política Social e Serviço Social - GEPQPSOCIAL. Além disso, O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, conforme determina a Portaria nº 206, de 4 de setembro de 2018.

Seu objetivo é analisar como se estruturam as relações patriarcais de gênero no contexto das condições de vida, do trabalho de catação e das iniciativas organizativas de mulheres catadoras de materiais recicláveis na Rede Recicla Seridó. Para tal, considerou-se questões, como, a exploração do trabalho desde a infância, as desigualdades patriarcais de gênero e suas relações sociopolíticas na sociabilidade capitalista.

A análise do objeto foi orientada pelo materialismo histórico-dialético, buscando apreender o movimento do real em sua totalidade, a partir da pesquisa qualitativa centrada no trabalho de campo. Para isso, foram realizadas observações em duas associações⁴ e entrevistas semiestruturadas⁵ com cinco catadoras lideranças da Rede

⁴ Foi factível visitar 02 (duas) associações localizadas em dois municípios do RN, em Currais Novos e Caicó.

⁵ Esta pesquisa está de acordo com as normas para pesquisas que envolvem seres humanos, conforme previsto nas Resoluções do Conselho Nacional de Saúde nºs 466/2012 e 510/2016, tendo sido registrada na Plataforma Brasil como pesquisa de CAAE: 51362821.3.0000.5292, Projeto nº1816642, aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa 5292 - do Hospital Universitário Onofre Lopes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - HUOL/UFRN, não tendo havido necessidade de apreciação da CONEP.

*Recicla Seridó*⁶, com idades entre 25 e 55 anos, cujo perfil será abordado no decorrer deste artigo. O estudo foi ancorado em ampla revisão da literatura concernente ao tema, além de análise de documentos que tratam da questão dos resíduos sólidos no Brasil, com destaque para relatórios com diagnósticos e planejamentos de programas e projetos, arcabouço legislativo e regulamentação, entre outros.

O texto estrutura-se em quatro partes: esta introdução; a segunda seção que contextualiza o trabalho da catação no Brasil, destacando as condições de vida e de trabalho das mulheres catadoras que participam da Rede Recicla Seridó; a terceira seção que versa sobre a atuação das catadoras em organizações coletivas de trabalho associado e em cooperação, com análise de desafios e estratégias de superação das condições de subordinação; e as considerações finais, que sintetiza os aprendizados sobre a realidade estudada, refletindo sobre o alcance do objetivo da investigação realizada.

CONDIÇÕES DE VIDA E DE TRABALHO DAS MULHERES CATADORAS DE MATERIAIS REICLÁVEIS DA REDE RECICLA SERIDÓ

Para analisar como se configuram as relações patriarcais de gênero na vida, no trabalho e nas iniciativas organizativas de mulheres catadoras de materiais recicláveis da Rede Recicla Seridó, é vital situá-las no contexto de uma sociedade que opera sob as intempéries do modo de produção capitalista, um formato de produção e reprodução orientado para beneficiar o setor econômico mediante a exploração do trabalho, causando grandes desigualdades sociais e intenso descarte de materiais, o que se tornou um grave problema mundial, com sérios impactos ambientais, sanitários e sociais. No Brasil, as consequências do descarte inadequado dos resíduos sólidos urbanos (RSU), dentre outras coisas, aparecem por meio dos lixões a céu aberto, dos falsos aterros sanitários sem o devido controle, e da ausência de meios adequados de reciclagem. Tudo isso resulta em milhares de toneladas de RSU depositados diariamente em locais sem infraestrutura.

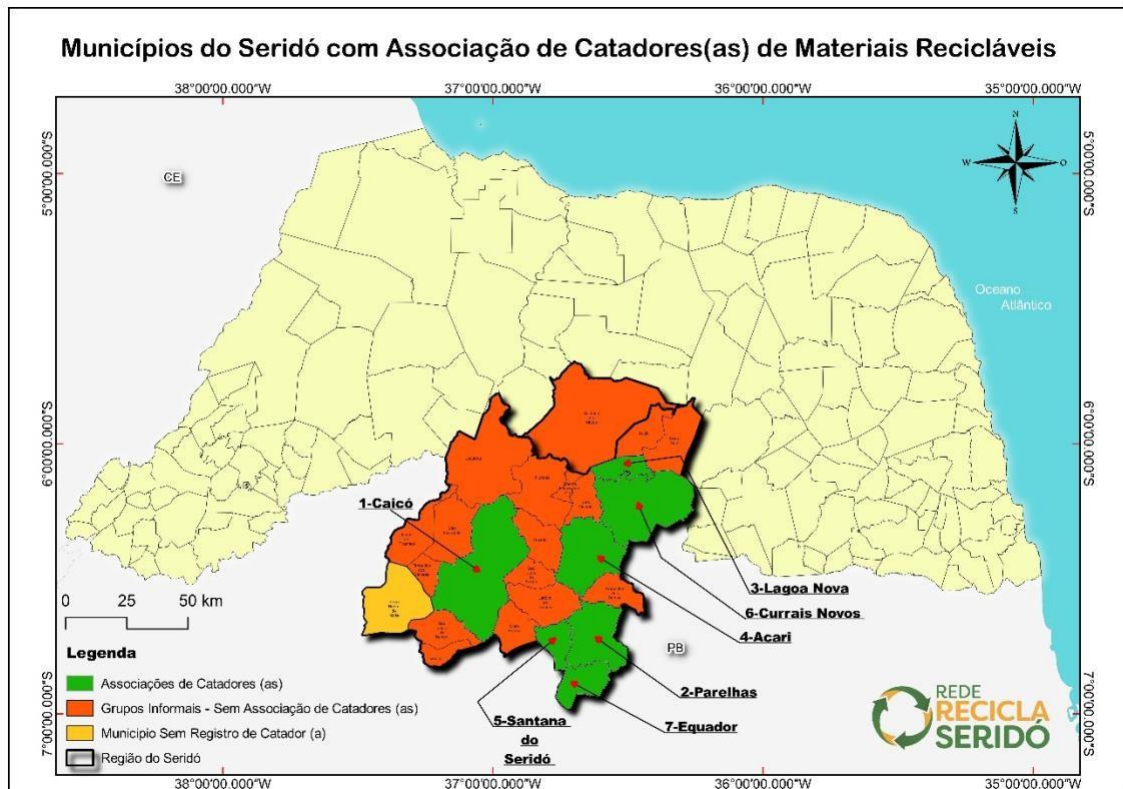
⁶ Para preservar suas identidades seus nomes foram alterados para nomes de flores, como forma de homenageá-las pelo importante serviço que prestam a preservação do meio ambiente e a sociedade.

Essa situação atinge diretamente as pessoas que sobrevivem da catação de materiais recicláveis, constituída por homens e mulheres, incluindo crianças e pessoas idosas, que trabalham recolhendo materiais, como plástico, papel, papelão, metais, entre outros, que são comercializados com fins a subsistência. As catadoras e catadores de materiais recicláveis estão expostas/os às vulnerabilidades econômicas e sociais, atuam nas ruas, nos lixões em condições extremas e insalubres, geralmente se submetendo a esse tipo de atividade por se encontrarem historicamente excluídas/os do mercado formal de trabalho e dos direitos sociais. Mesmo quando desenvolvem essas atividades em associações e cooperativas, na maior parte das vezes sem contar com o reconhecimento da sociedade e o apoio do poder público, também são vítimas da exploração de atravessadores comerciais e não conseguem melhorar suas condições de vida e de trabalho.

Neste grupo laboral, encontram-se as catadoras e catadores de materiais recicláveis que fazem parte da Rede Recicla Seridó, uma rede de articulação e organização de catadoras e catadores de materiais recicláveis que participam de associações de reciclagem localizadas no Território do Seridó, no estado do Rio Grande do Norte. A Rede foi constituída a partir do trabalho realizado pela Cáritas Diocesana de Caicó, iniciado em 2017, com o objetivo de fortalecer a organização da categoria por meio da Cooperativa de Trabalho dos Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis da Região do Seridó (COOPCASE), criada em 2021. O intuito é que as/os profissionais tenham condições de vender a produção diretamente à indústria de reciclagem, sem a participação de intermediários, o que provavelmente proporcionará melhores ganhos, com valor repassado integralmente para os trabalhadores e trabalhadoras da Rede.

Em 2021, a Rede Recicla Seridó contemplava cerca de 57 catadoras e 116 catadores formais e informais que participam de associações nas cidades de Caicó, Parelhas, Currais Novos, Santana do Seridó, Equador, Acari e Lagoa Nova.

Figura 01. Mapa do Estado do Rio Grande com destaque de municípios que contemplam catadoras e catadores da Rede Recicla Seridó



Fonte: Rede Recicla Seridó

Mapa elaborado por Inácio Libânio de Medeiros Araújo

Conforme a Cáritas Diocesana de Caicó o decurso de organização desse segmento é lento e desafiador, diante da contínua violação de direitos, fato que reflete em pessoas desconfiadas dos processos associativos e sem percepção positiva de se tornarem protagonistas deles. Além da assessoria, a Cáritas e outras organizações parceiras promovem ações diretas de apoio, com a distribuição de cestas básicas, fardamentos e equipamentos de proteção individual (EPIs), fortalecendo as relações de confiança e atendendo necessidades emergenciais que são constantes na vida dessas pessoas.

Frisa-se que essas ações são essenciais, pois, nas associações e cooperativas autênticas as condições de trabalho são melhores do que nas ruas e nos lixões. Nas mais estruturadas o trabalho é coletivo, há espaço para manejar e armazenar os materiais, dispõem de equipamentos que diminuem o esforço físico e agregam valor ao material. Diversos autores (Singer, 2002, Magalhães, 2016 e Cherfem, 2016) destacam a importância

desses empreendimentos para a categoria, visto que as vivências nesses espaços propiciam a criação de laços de solidariedade e de igualdade, possibilitam a recuperação humana, melhoram a autoestima, favorecem a obtenção de direitos, reduzem a sujeição e auxiliam nas estratégias para superar as adversidades, adquirindo reconhecimento político e buscando a emancipação.

A Cooperativa Recicla Ourinhos/SP é apontada por Motta (2017) como um exemplo, destacando que seus cooperados possuem benefícios, como alimentação, transporte, equipamentos de proteção e recolhimento para o pagamento de contribuição previdenciária do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), que assegura direitos como benefício por incapacidade temporária (antigo auxílio-doença), auxílio maternidade, aposentadoria, pensão por morte, dentre outros relacionados ao trabalho. Mas, isso só foi possível após se organizarem mediante o comitê Oeste Paulista de Catadores de Materiais Recicláveis, a fim de fortalecer a categoria e pleitear políticas públicas de inclusão socioeconômica.

Porém, esse não é o contexto da maioria das organizações de catadoras e catadores de materiais recicláveis no Brasil, inclusive no Território do Seridó/RN. Segundo Stroh (2016) muitas associações, cooperativas e redes de cooperação de reciclagem possuem problemas administrativos, estruturais, e falta de cultura organizativa que gera desentendimentos internos. Além disso, para Cherfem (2016) a precariedade e os baixos rendimentos auxiliam na rotatividade, tornando esses empreendimentos mais frágeis.

Entretanto, não se trata somente de problemas internos às organizações, mas da ambiência socioeconômica e institucional onde estão inseridas. Martins et al. (2016) consideram que, mesmo prestando importantes serviços à sociedade, ao Estado e à cadeia produtiva da reciclagem, contribuindo para a reprodução do capital, catadoras e catadores de materiais recicláveis não têm acesso aos direitos trabalhistas, atuam em espaços hostis e sujos, nos lixões, nas ruas e com menos intensidade, nas associações e cooperativas. Assim, são expostas aos riscos de acidentes e doenças e aos baixos rendimentos (remuneração insuficiente para sua manutenção e de suas famílias). Dessa maneira, são exploradas/os na cadeia da reciclagem, estruturada em forma piramidal, tendo em sua base a categoria, no meio

os atravessadores e no topo as indústrias de reciclagem, "Proporciona-se, assim, uma maximização dos lucros, via exploração do (a) trabalhador (a), diminuição do uso de matérias-primas e economia de energia" (Martins et al., 2016, p.91).

Antunes (2006) se refere a esse tipo de situação como uma profunda ruptura, pois, se nos primórdios, o indivíduo trabalhava para suprir suas próprias necessidades, com o passar do tempo, principalmente na prática objetiva da sociedade capitalista, o trabalho passou a denotar uma relação de poder em que o homem não trabalha mais para si, mas sim, para enriquecer cada vez mais uma classe que se tornou dominante ao deter os meios de produção. Essa é a lógica do capital que para se manter e se reproduzir, expropria e esgota as/os trabalhadoras/es e os recursos naturais, exacerba a produção e o descarte dos resíduos, ao ponto de ameaçar a existência do planeta, o que revela a urgência de sua superação como garantia da própria existência humana.

Nota-se que, mesmo sendo fundamentais na cadeia de valor da reciclagem, os catadores e catadoras vivem em situação de exclusão socioeconômica, o que os impossibilita de ter uma vida considerada digna, sobretudo no caso das mulheres, que na sociedade do capital, se encontram em condição mais frágil diante das desigualdades patriarcais de gênero.

Nas entrevistas realizadas, as catadoras⁷ da Rede relataram que nasceram e cresceram em meio a pobreza e/ou a extrema pobreza, trabalham desde criança, estudaram pouco, ou não estudaram, eram e ainda são expostas a diversas formas de violência.

Ao historiarem sobre sua infância, os relatos foram diferentes do que normalmente espera-se das memórias infantis, como as brincadeiras e as travessuras; ao contrário, lembraram-se do trabalho pesado, da pobreza e da dureza da vida. Girassol expôs que o trabalho em sua infância era "pior do que qualquer serviço até hoje. [...] ganhava pouco demais, muitas vezes, a gente comia o feijão de manhã, de noite tomava o caldo". Margarida contou que sua mãe ensinou os filhos a trabalharem desde pequenos, pois não conseguia sustentá-los sozinha. Violeta relatou que aos 10 anos trabalhava no

⁷ Foram entrevistadas 05 catadoras aqui nomeadas como Girassol, 55 anos, 06 filhos e solteira; Violeta, 25 anos, 02 filhos e solteira; Rosa, 34 anos, 04 filhos e solteira; Margarida, 32 anos, 03 filhos e casada; e Dália, 45 anos, 04 filhos e casada.

lixão para sustentar sua família composta por cinco pessoas. Rosa desabafou, “Eu não tive infância, não lembro [...] de brincar de boneca, essas coisas, [...]. Minha vida desde 9 anos que é trabalhar”. Dália proferiu que frequenta o lixão desde a barriga de sua mãe, cresceu brincando em meio às latinhas.

Neste caso, Violeta, Margarida e Dália, nunca atuaram em outra atividade. Girassol e Rosa conheceram outros trabalhos também precários, na agricultura e no comércio informal, respectivamente. Todavia, mesmo em ocupações diferentes, todas as catadoras exerciam atividades na infância com fins a subsistência. Destaca-se que as circunstâncias adversas do trabalho precoce e a sua intensa exploração marca toda a vida dessas pessoas com consequências nefastas que atingem seu desenvolvimento, sua educação e sua saúde (Carvalho, 2008).

Portanto, a vida das catadoras, como de outras pessoas que atuam em trabalhos precários, é marcada pelo não acesso aos direitos e exposição a violência desde crianças, sendo negligenciadas e vitimadas por parte do Estado. Girassol relatou que criou seus seis filhos no lixão, pois não tinha com quem deixá-los, além disso, o trabalho das crianças era necessário para a subsistência de todos e, por esse motivo, o Conselho Tutelar do município a interpelava constantemente. De acordo com ela “O conselho ia muito atrás de mim, eu sofri muito, [...], não tinha a ajuda de ninguém e o apoio que me dava era só humilhação e querer tirar meus filhos” (Girassol).

As cinco entrevistadas proferiram que são as únicas encarregadas pelo trabalho doméstico e pelos cuidados, sendo que quatro delas são provedoras exclusivas da família. Três, não têm companheiro e somente uma pode contar com a participação do marido nas despesas da casa, mas o fato de trabalhar fora, provoca discussões difíceis entre o casal, inclusive ela teve que se afastar parcialmente do trabalho na associação para cuidar do filho.

Os relatos representam bem as histórias de vida das catadoras, expressando a ausência do Estado no que se refere aos direitos básicos, como educação, saúde, trabalho etc., e a sua presença no que concerne a atos de repressão, culpabilizando os sujeitos da sua condição de miséria. Nessa direção, uma das consequências é a exposição da população pobre a diversos formatos de violências (Carvalho, 2008). No caso específico das mulheres, a sociedade do capital naturalizou um sistema de

opressão e exploração dos homens e do capital sobre as mulheres, legitimando-o. Principalmente as mulheres da classe trabalhadora (Saffioti, 1987) como as catadoras da Rede Recicla Seridó.

Outrossim, é essencial refletir sobre o peso que representa ser mulher pobre, trabalhadora da catação e mãe na sociabilidade em que vivemos. Violeta revelou que às vezes os filhos vão dormir com fome, "Quando eu chego em casa não tenho coisa para dar [...] eu fico com coração só chorando [...] uma coisa assim dizendo, se mate [...], porque isso não é vida para você". A partir do depoimento, percebe-se o desespero e o desânimo de uma mulher devastada psicologicamente, por causa do peso que foi obrigada a carregar desde criança e ao tornar-se adulta, mesmo trabalhando até a exaustão não consegue prover o sustento de seus filhos.

Frisa-se também, que a violência contra as mulheres aparece em diversos formatos mediante coerção física e psíquica, com consequências brutais. Nas entrevistas, as catadoras demonstraram tristeza com as investidas preconceituosas sofridas nas suas casas, nas ruas e no seu trabalho, por causa do seu sexo e da sua profissão.

Ao serem perguntadas se já sofreram violência doméstica⁸, duas optaram por não responder, mas as outras decidiram falar. Girassol narrou que apanhou muito do seu companheiro, por isso, fugiu de casa grávida e com um bebê nos braços. Depois, assistiu sua irmã ser assassinada pelo companheiro, que quase a matou também. Em seguida, teve que criar seus três filhos e os três sobrinhos órfãos. Violeta expôs que, por ciúmes, foi criminosamente espancada pelo homem que vivia com ela, ficou em coma e com sequelas irreversíveis, de forma que aos 25 anos não pode mais engravidar, teve que retirar o útero, o baço, o apêndice e a vesícula. Citou que não tem mais disposição de trabalhar: "Eu ando aqui para ali e passo mal, aquela coisa ruim". A violência física também foi a "causa" dos hematomas que Rosa apresentava no dia da sua entrevista. A catadora contou que o fato de trabalhar com outros homens na

⁸ A Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 em seu Art. 5º configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm Acesso em: 02 abr. 2025

catação, deixa os maridos com ciúmes e, para eles, isso lhes dá o direito de agredilas.

Por meio das narrativas, percebe-se que o simples fato de ser mulher na sociedade de classes, denota sua exposição à violência, porém, ser também pobre reforça esse processo que começa na infância e vai se intensificando na medida em que os seus corpos vão se desenvolvendo. As catadoras de materiais recicláveis entrevistadas são violentadas pela falta de oportunidades, são filhas de mulheres pobres, trabalhadoras e mães, que também sofreram com a ausência de direitos. Nota-se, que esse é um ciclo que tende a se repetir através de gerações de mulheres trabalhadoras, pobres, mães e violentadas.

A ausência ou a limitação de acesso às políticas públicas (de educação, saúde, assistência social, segurança etc.) e a outros direitos sociais, influenciam para a exposição da mulher às violências e contribuem para que as catadoras da Rede Recicla Seridó experienciem vivências traumáticas que abarcam os diversos preconceitos velados, semeados e potencializados no sistema capitalista que vão frustrando essas mulheres e minando as esperanças de uma vida mais tranquila.

Outro agravante apontado por Ferreira et.al (2016) é que os preconceitos sofridos pelas pessoas que atuam na catção estão associados ao seu objeto de trabalho, ou melhor, ao que a sociedade enxerga enquanto "lixo". Os depoimentos reforçam essa proposição: "Às vezes a gente tá na rua, aí o pessoal olha [...] como se a gente tivesse fedendo, [...] a gente sabe que não tá, porque a gente tomou banho, a farda da gente é limpinha [...], nós num fede" (Rosa). A vida e o trabalho duro nos lixões e nas ruas vão endurecendo essas mulheres que reagem e resistem às intempéries também de forma dura, sendo então discriminadas: "[...] lá no lixão o meu nome era "bicho feroz" [...] porque eu era braba" (Girassol).

Os resultados do preconceito e a rotina degradante gera um sentimento de autoanulação, baixa autoestima, desvalorização social e sensação de impotência. Isso "corresponde à travessia de estruturas cristalizadas na identidade da exclusão social, como ressentimentos guardados, em dimensões profundas da subjetividade dos indivíduos e manifestados na cotidianidade da vida pessoal, coletiva e de trabalho" (Stroh, 2016, p. 252). Para Magalhães (2016) os danos psicológicos e a exclusão social,

são mais intensos nas/os profissionais que trabalham nas ruas e nos lixões, porque estão mais expostas/os às vulnerabilidades sociais e econômicas. Logo, ressalta-se a importância da organização da categoria, conforme veremos.

PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NA REDE RECICLA SERIDÓ: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS

Infere-se que a organização da categoria é um modo de enfrentar as expropriações e exploração do trabalho, frutos da condição de subordinação em que se acham na estrutura da cadeia da reciclagem (Martins et al., 2016). Porém, ao se organizarem, iniciam um processo de tomada de maior consciência do valor do seu trabalho para o meio-ambiente, a sociedade e o poder público. Isso ocorre porque, segundo as autoras, nas associações, cooperativas e redes de cooperação, o trabalho, apesar de extenuante, viabiliza ensinamentos diversos, acerca dos resíduos sólidos urbanos, sua logística e seu reaproveitamento no mercado, e sobre relacionamentos humanos, comerciais e políticos (Silva et al, 2023). Verifica-se que o aprendizado permite que tomem consciência do valor de seu trabalho e os consolida enquanto sujeitos coletivos, o que oportuniza sua autovalorização.

Em referência às associações da Rede Recicla Seridó, três entrevistadas contaram que enquanto trabalhavam no lixão, foram abordadas por representantes da Cáritas e de algumas prefeituras acerca da perspectiva de formarem associações para melhorar as condições de trabalho e renda. Além disso, havia a expectativa de fechamento dos lixões em atendimento ao que estava previsto na Política Nacional de Resíduos Sólidos. Girassol relata que o tipo de abordagem acolhedora auxiliou na criação de laços de confiança, um fator essencial na formação dessas organizações populares.

Todavia, a organização das associações tem sido também um processo lento e difícil. Margarida lembra “A gente demorou [...] uns três ou quatro anos, foi um trabalho muito grande [...]”. Inicialmente, as catadoras e os catadores de materiais recicláveis não entendiam nada sobre organização de associações, mas com o apoio da Cáritas foram cumprindo as etapas, iam todos juntos à prefeitura, participavam de reuniões, dialogavam sobre as possibilidades de adquirir os bens necessários para o funcionamento de sua associação. Percebe-se que esse processo físico e mental vivenciado pelas

catadoras foi percebido de forma positiva, auxiliando-as a se identificarem com o trabalho e com o empreendimento que ajudaram a formar.

Os sistemáticos processos formativos de acompanhamento e assessoria auxiliam na permanência dessas mulheres em suas associações. Três entrevistadas fazem parte dessas organizações desde sua constituição, atuando há dez anos, e as outras duas estão associadas há oito anos. Apesar das dificuldades financeiras, de gestão, da precariedade do trabalho, da grande rotatividade de associadas/os e dos baixos rendimentos, essas mulheres persistem e reconhecem o potencial do trabalho associado.

Quanto aos rendimentos obtidos no processo de catação, em Caicó, maior cidade do Território do Seridó do RN, a renda média é de R\$ 1.000,00 (um mil reais) a cada 25 ou 30 dias, enquanto que, em Currais Novos, esse valor só é atingido em cerca de 40 dias. Contudo, há municípios em que o rendimento médio é de apenas R\$ 200,00 (duzentos reais), obtidos em 30 dias trabalhados, fato que revela ganhos extremamente baixos para suprir as necessidades básicas das trabalhadoras e de suas famílias.

Outro desafio que limita a plena participação dessas mulheres nas suas organizações, é a baixa escolaridade. Ao explicar sobre seu trabalho como tesoureira da associação, Margarida informou que “[...] a gente não sabe mexer em computador, imprimir, essas coisas [...], quem faz é [...] um rapaz aqui que ajuda a gente [...] faz a divisão do dinheiro, a gente só faz assinar”. Já Girassol contou que no início das atividades “[...] só eu que não sabia ler e era eu que resolvia tudo. [...] aí o presidente tinha umas condições, ‘eu fico, mas eu nem falo nem dou palestra [...]’. Aí fiquei sendo presidente em voz e o presidente assinava”. Essa situação a estimulou a aprender a ler e se tornou de fato presidente da sua associação. A catadora exclama feliz que a posição lhe rendeu viagens e aprendizados, que venceu muitas dificuldades e tem orgulho de cada uma de suas conquistas.

Verifica-se, então, que diante das sequelas sociais e da carência de direitos, fazer parte das associações, ocupando espaços de direção nessas organizações, pode ser considerada uma conquista significativa para quem é historicamente excluída na sociedade, seja pelas condições de pobreza, agravada pelo racismo e o sexismo estruturais, seja pela atividade profissional que realiza, de catação, invisibilizada e discriminada. A construção de uma identidade coletiva a partir do reconhecimento

mútuo dessas opressões é fator fundamental para afirmação da condição estratégica das catadoras na construção da Rede Recicla Seridó.

É importante ressaltar que nas duas associações visitadas, apesar dos desafios e fragilidades enfrentados para manutenção, existe lugar para separar e guardar os materiais, todas/os usam fardamento adequado e equipamentos de proteção individual (EPIs), possuem horário fixo de trabalho, usufruem de caminhão para a coleta de materiais, dentre outros benefícios que não possuíam quando atuavam no lixão.

Outra vantagem foi revelada por Margarida que expressou sua consciência sobre a importância do trabalho socioambiental realizado pelas catadoras da Rede, implementando, de fato, a coleta seletiva e a triagem de materiais, evitando que sejam destinados aos lições e aterros controlados. A catadora dissertou que "A gente pega até no hospital [...] já vem separado. Eles sabem o que a gente utiliza, que a gente sempre mostra a eles". Esse tipo de atuação decorre da formação profissional adquirida no trabalho, mas também, como explica Girassol, se dá por meio de vários cursos "[...] para poder chegar até a casa das pessoas". Além de técnicas e habilidades, há nos espaços organizativos de catadoras e catadores de materiais recicláveis, processos de educação política, estruturação, funcionamento da cadeia da reciclagem, valor da catação e dos direitos sociais (negados). Conforme a análise de Silva et al (2023), nas associações também são desenvolvidas inovações técnicas e experimentados processos a fim de melhorar as condições de trabalho e aumentar a renda na catação e na triagem, auxiliando no longo caminho da conquista de emancipação.

Ademais, a vivência do trabalho associado contribuiu no aumento da autoestima das catadoras entrevistadas e apesar dos preconceitos sofridos no cotidiano da vida e do trabalho, percebem que adquiriram mais respeito. Girassol conta que "depois que a gente se reuniu [...], tem gente aqui [...] da sociedade que aonde me ver, me abraça. [...], 'como é que tá a associação?' Aí, aquilo ali vai incentivando, a gente vai vendo que tem valor [...]".

Nesse sentido, percebe-se que o sentimento de autoanulação desenvolvido por causa das privações e violências experienciadas, foi ficando mais brando na medida em que elas foram reconhecendo a importância do trabalho que realizam. Todavia, esse transcurso não ocorre instantaneamente e de maneira igual para todas. Esse é um

processo real, dialético, contraditório e em constante movimento, que pode estar acontecendo de formas e intensidades diferentes para cada uma das catadoras entrevistadas.

Sobre o motivo que as fez tornarem-se lideranças, as catadoras entrevistadas expressam um pouco da percepção que cada uma tem de si mesma. As três primeiras possuem a percepção de coletividade, entretanto, as duas últimas revelam que ainda não adquiriram o mesmo entendimento das demais. Girassol relata que era apoiada pelas/os colegas que eram tímidas/os e isso a fez tomar a frente e resolver os problemas da associação; Rosa emite que quando entrou na associação tinha dificuldades de se socializar, estava sempre discutindo com as/os colegas, mas a partir das capacitações foi "se fortalecendo [...] aprendendo a viver, a conversar. Aí fui me capacitando como pessoa [...]"; Margarida demonstra preocupação com as/os profissionais que mais precisam dos rendimentos e passou a ser reconhecida como alguém de confiança; Dália proferiu que achava que era liderança "porque eu tenho coragem de dizer na cara [...], é assim e pronto!"; e Violeta afirmou, "Eu sou secretária só para preencher a vaga", embora tenha revelado que faz reuniões quando precisam resolver desavenças dentro da associação. Dessa forma, percebe-se que as catadoras atuam com a intenção de resolver os problemas de suas associações, fato que as revela como lideranças, contanto, ainda não desenvolveram a plena consciência da importância de sua atuação na gestão de seus empreendimentos solidários.

Observa-se nos discursos das catadoras, que a consciência da importância de si mesmas e de seu trabalho, resulta da interação dos diversos aspectos subjetivos e objetivos que as influenciam, auxiliando-as a responderem por meio de práticas e pensamentos também distintos.

No que concerne às condutas machistas nas organizações da Rede, Margarida e Rosa expressam que os homens não gostam quando uma mulher lidera o processo de trabalho. Dália, relatou que um colega grita com as mulheres e as ameaça. No entanto, mesmo expostas às violências decorrentes das desigualdades patriarcais de gênero, essas mulheres foram desenvolvendo saberes e práticas que as fortaleceram, de forma que seguem atuando efetiva e produtivamente nas suas associações e na Rede Recicla

Seridó, mesmo que alguns colegas (homens) não aceitem as determinações coletivas de bom grado.

É importante ressaltar que nas associações da Rede, apesar de ser difícil quantificar o número de homens e mulheres, por causa da alta rotatividade procedente das dificuldades financeiras e da dureza do trabalho, há mais homens que mulheres. Esses ocupam a presidência em todas as associações, mas a vice-presidência, a secretaria e a tesouraria são divididas entre ambos. Todavia, na composição diretoria da Rede, a presidência e a secretaria são preenchidas por mulheres, o conselho fiscal é constituído por dois homens e uma mulher e o mesmo vale para a suplência.

A respeito da resolução das demandas nos seus espaços organizativos, as catadoras entrevistadas expressam que fazem reuniões e o voto é o elemento decisório nos processos de funcionamento. Percebem que essa maneira de gerir é própria das associações, as quais, todos são donos e por isso todos decidem. Entretanto, o funcionamento de uma associação não é um decurso tranquilo, além dos diversos problemas citados, foram relatadas diversas questões relacionais.

Destarte, ainda que a presidência das associações seja ocupada por homens, o fato de as mulheres estarem presentes tanto na presidência da Rede quanto em outros espaços de direção, sugere mais reconhecimento político do trabalho das mulheres em seus empreendimentos solidários e sua constituição como lideranças territoriais da Rede.

No que tange a divisão sexual do trabalho, verificou-se que as catadoras da Rede a percebem como algo natural que os homens realizem tarefas que necessitam de mais força física, como o manejo da prensa, enquanto elas atuam, majoritariamente, na catação e separação dos materiais. Contudo, não se eximem dos trabalhos que exigem grande esforço, como carregar e descarregar caminhões. Verifica-se assim, que a divisão sexual do trabalho não é apenas a separação de papéis entre homens e mulheres, mas, algo imposto historicamente, sustentado por interesses econômicos, políticos, culturais e ideológicos em cada momento e lugar na sociabilidade capitalista (Kergoat, 2003). Processo que influencia as instituições que fazemos parte, como a família, as igrejas, as escolas e a Rede Recicla Seridó.

Conquanto, apesar das fragilidades e dos desafios, a Rede Recicla Seridó, constituída formalmente pela Cooperativa de Trabalho dos Catadores e Catadoras de

Materiais Recicláveis da Região do Seridó (COOPCASE), é concebida pelas entrevistadas como uma estratégia para superar a subordinação em que se encontram na cadeia produtiva da reciclagem e assim, melhorarem suas condições de vida e de trabalho. A expectativa é que a partir do seu pleno funcionamento não dependam excessivamente da prefeitura, dos atravessadores e nem mesmo da Cáritas. Além disso, possuem a perspectiva de adquirir mais

reconhecimento do seu trabalho pela sociedade e pelo poder público. Porém, conforme já destacamos, esse processo tem sido lento até que se possa alcançar a viabilidade de funcionamento pleno das atividades comerciais da cooperativa, pois ainda são necessários ajustes financeiros, de gestão e de pesquisa de mercado, sobre os caminhos de acesso direto às indústrias de reciclagem, favorecendo melhores condições na comercialização dos recicláveis. Como todos os processos vivenciados pelas catadoras da Rede, esse decurso é cheio de desafios entrelaçados aos ditames do capital, com suas desigualdades que revelam as mais latentes expressões da questão social na vida e no trabalho dessas mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de chegar ao objetivo e coerente com a metodologia do materialismo histórico dialético, foram realizados movimentos de apropriação do objeto de estudo, com distanciamento e aproximação da sua aparência fenomênica. A partir dessa estratégia, foram investigadas as condições de vida e de trabalho, bem como as trajetórias organizativas de catadoras/es de materiais recicláveis no Brasil, situando-os na sociabilidade capitalista que impulsiona o consumo exacerbado como forma de realização do capital, prejudicando ainda mais o ambiente com o acúmulo dos resíduos gerados nesse processo, bem como viabilizando a extração da mais valia mediante a exploração e expropriação de trabalhadores que vivem da catação dos materiais descartados pela sociedade, sendo subordinados na cadeia de valor da reciclagem. Mostra-se em toda sua extensão a determinação fundamental do modo de produção capitalista, explicitando o seu potencial destrutivo de pessoas e da natureza.

No movimento seguinte, pesquisou-se sobre as particularidades e especificidades da vida do trabalho e dos processos organizativos das mulheres catadoras que participam da Rede Recicla Seridó, sendo possível apreender que nasceram e cresceram em famílias pobres, trabalham desde criança, não tiveram acesso aos direitos sociais como estudar e vivenciar a infância e foram expostas a diversas formas de violência, inclusive aquelas causadas pelas desigualdades patriarcais de gênero. Essas mulheres convivem com agressões físicas de seus companheiros, preconceitos nas associações e discriminações nas ruas, por causa do seu sexo e da sua profissão. Ademais, são as únicas responsáveis pelo trabalho doméstico e pelos cuidados, ademais a maioria dessas trabalhadoras precisam sustentar sozinhas suas famílias.

Diante do que foi exposto neste trabalho, é possível apreender como se estruturam as relações patriarcais de gênero no contexto das condições de vida, do trabalho de catação e das iniciativas organizativas de mulheres catadoras de materiais recicláveis na Rede Recicla Seridó. Mostrou-se como essas mulheres são vítimas das intempéries do capital, classista e patriarcal, em suas diversas faces e dimensões de exploração e expropriação.

Entretanto, mesmo diante dos desafios, essas mulheres conseguem resistir a essas opressões e buscam construir estratégias organizativas a partir do trabalho associado/cooperado como uma via à emancipação. De modo que, inicialmente, as catadoras se organizam como uma forma de melhorar suas condições de vida, de trabalho e de renda; porém, na medida em que compreendem a configuração e a importância de seu trabalho e de suas organizações coletivas, estão se fortalecendo e se percebendo, cada uma em seu tempo e de sua forma, como sujeitos políticos.

Pode-se concluir então que, apesar dos limites e desafios que enfrentam no cotidiano, dentre os quais se destacam as opressões de classe e as desigualdades patriarcais de gênero, essas mulheres demonstram capacidades de resistência e estão dispostas a continuar lutando, ocupando espaços de direção nas suas associações e na Rede Recicla Seridó, atuando também como sujeito político coletivo em outros espaços societários na busca de direitos.

Vale salientar que no período em que o estudo foi realizado, a COOPCASE que deverá funcionar como braço operacional da Rede Recicla Seridó, ainda estava iniciando

suas atividades, de modo que a análise não verificou se essa organização será eficaz no que se refere à melhoria efetiva das condições de trabalho e aumento da renda para as mulheres catadoras, bem como se proporcionará uma ampliação de suas capacidades políticas de incidência nos espaços públicos responsáveis pela implantação da política nacional de resíduos sólidos, o que remete a sugestão de estudos futuros a esse respeito. Por enquanto, essa é uma estratégia construída coletivamente, tendo à frente mulheres resistentes que sobreviveram à pobreza extrema e aos porões da violência patriarcal, emergindo como novos sujeitos políticos a partir dos depósitos de rejeitos do capital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a Centralidade no Mundo do Trabalho. 11 ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2006.

CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de. O trabalho infantil no Brasil contemporâneo. **Cadernos CRH**, v. 21, p. 551-569, 2008.

CHERFEM, Carolina Orquiza. Relações de gênero e raça em uma cooperativa de resíduos sólidos: desafios de um setor. In: PEREIRA, B. C. J. e GOES, F. L. (Orgs.). **Catadores de Materiais Recicláveis: um encontro nacional**. Rio de Janeiro: IPEA, 2016. p. 47-74.

FERREIRA, Rekle Gean Pereira Siriano et al. Condições de saúde e estilo de vida dos catadores de resíduos sólidos de uma cooperativa da Ceilândia, no Distrito Federal: um olhar acerca dos determinantes sociais e ambientais de saúde In: PEREIRA, B. C. J.;

GOES, F. L. (Orgs.). **Catadores de Materiais Recicláveis: um encontro nacional**. Rio de Janeiro: IPEA, 2016. p. 151-168.

FERREIRA, Adriana Cristina Xavier Deiga. **Mulheres catadoras de materiais recicláveis na Rede Recicla Seridó: condições de gênero e desafios socio-organizativos**, Natal, 2022. 129f.: il. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. Natal, RN, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/49748>> Acesso em:<30 out. 2024>

KERGOAT, Danièle. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo**. In TEIXEIRA, Marli, EMÍLIO, Marilane, NOBRE, Miriam e GODINHO Tatau. (org.). **Desafios para as políticas públicas: trabalho e cidadania para as mulheres**. São Paulo, 2003. p. 55-64.

MAGALHÃES, Beatriz Judice. *Liminaridade e Exclusão: caracterização permanente ou transitória das relações entre os catadores e a sociedade brasileira?* In: PEREIRA, B. C. J. e GOES, F. L. (Orgs.). **Catadores de Materiais Recicláveis: um encontro nacional**. Rio de Janeiro: IPEA, 2016. p.123-150.

MARTINS, Ingrid Gomes. et al. *Reciclando as Relações de Gênero: a divisão sexual do trabalho em cooperativas de catadoras e catadores, e o papel de lideranças femininas na política pública de resíduos sólidos no distrito federal*. In: PEREIRA, B. C. J.; GOES,

F. L. (Orgs.). **Catadores de Materiais Recicláveis: um encontro nacional**. Rio de Janeiro: IPEA, 2016. p.75-97.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Seridó Norte-Rio-Grandense: uma geografia da resistência**. Natal: EDUFRN, 2020. 597 p. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/31476>. Acesso em: 27 mai. 2023.

MOTTA, Daniele Cordeiro. **Desvendando o nó: a experiência de auto-organização das mulheres catadoras de materiais recicláveis do Estado de São Paulo**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: [s.n.], 2017. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/330910/1/Motta_DanieleCordeiro_D.pdf> Acesso em: <13 abr. 2019>

MNCR - Movimento Nacional de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis. Notícias Nacionais: **Mulheres são maioria entre Catadores de Materiais Recicláveis**. 2014. Disponível em: <<http://www.mncr.org.br/noticias/noticias-regionais/mulheres-sao-maioria-entre-catadores-organizados-em-cooperativas>> Acesso em: <28 out. 2018>

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SILVA, Roberto Marinho Alves; SILVA, Ronalda Barreto; FERREIRA, Adriana Cristina Xavier Deiga; ROCHA, Maria Augusta Bezerra. *Catadores e catadoras de materiais recicláveis no Brasil: reciprocidade e resistência na cadeia de valor da reciclagem*. **Otra Economía**. vol. 16, n. 29, enero-junio 2023. Disponível em: <<https://www.revistaotraeconomia.org/index.php/otraeconomia/issue/view/711>> Acesso em: <30 jun.2024>

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2002.

STROH, Paula Yone. *Cooperativismo, Tecnologia Social e Inclusão Produtiva de Catadores de Materiais Recicláveis*. In: PEREIRA, B. C. J. e GOES, F. L. (Orgs.). **Catadores de Materiais Recicláveis: um encontro nacional**. Rio de Janeiro: IPEA, 2016. p. 247-266.